

# A SEXUALIDADE COMO COMPONENTE DA IDENTIDADE HUMANA

Francisca Carla Silva de Meio Pereira\*

Universidade Federal do Piauí - UFPI

## INTRODUÇÃO

O presente estudo bibliográfico, pretende fomentar uma reflexão que favoreça uma idéia clara a respeito do movimento dialético que faz da identidade algo dinâmico, mutável, que está em permanente transformação, concedendo a sexualidade como um de seus componentes, e, promover a construção de conhecimentos necessários à compreensão de como o individuo constrói a síntese de sua própria sexualidade.

Vale ressaltar que a sexualidade é tratada como algo que não diz respeito a nós, devido ao desconhecimento sobre sua definição, constituição e importância. O senso comum desconhece o real significado de **sexualidade**, não a reconhecendo como “dispositivo histórico” (FOUCAULT, 1988) e tampouco como invenção social normatizada por saberes construídos historicamente.

Essa preocupação implica no reconhecimento da sexualidade como elemento da identidade social. Isso não significa deixar de reconhecer os outros aspectos (gênero, classe social, raça) que definem nossa identidade social. Desse modo o ponto de partida desse estudo é a análise da sexualidade como processo humano e social buscando ampliar a discussão numa boa base de conhecimento mais sólida acerca desta temática.

Tendo em vista que como as demais dimensões da identidade, a sexualidade é uma construção, social, histórica e cultural, e portanto, não se refere apenas ao sexo genital ou às relações sexuais. Nesse sentido esta não pode ser vista apenas como uma das dimensões do desenvolvimento da pessoa. Tratar desta temática pressupõe reconhecê-la como uma abordagem que tem a sua multidimensionalidade, nos diversos níveis e nos aspectos biológicos, psíquico, social e político.

Dessa forma, inicialmente discorreremos sobre a constituição da identidade, considerando-a como descreve Ciampa (1987), como um processo de metamorfose que tende a buscar a emancipação humana. Para assim, em seguida definirmos o papel da sexualidade na formação da identidade humana.

As reflexões subsidiadas por autores como Louro (2001), Bock, Furtado e Teixeira (1999), Jacques (1998), Carvalho (2004), entre outros; pretende demonstrar que a sexualidade deve ser reconhecida como uma dimensão humana que quanto mais se conhece e compreende mais se reconhece à necessidade de ampliar-lhe o sentido.

## 1 A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE

Quando nos defrontamos com a necessidade de reconhecer quem somos nós, estamos buscando conhecimentos sobre nossa identidade. Esta que, mesmo sendo configurada a partir das mais diversas combinações da nossa convivência cotidiana, estabelece-se não por pontos isolados desse processo, mas pela totalidade deles. Para Ciampa (1994) trata-se de uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto una.

É, pois, no contexto objetivo de um determinado grupo social e histórico, com suas contradições, suas normas, seus interesses e seus costumes, dentre outros aspectos, que excursionamos no reconhecimento do *"eu pessoal"* e do *"eu social"*, na constituição contínua da identidade que conforme Jacques (1998), determina-se e configura-se simultaneamente, para essa autora

[...] o indivíduo tem um papel ativo quer na construção deste contexto a partir de sua inserção, quer na sua apropriação. Sob esta perspectiva é possível compreender a identidade pessoal como e ao mesmo tempo identidade social, superando a falsa dicotomia entre essas duas instâncias. (JACQUES, 1998. p.163).

Nesse contexto, não podemos desconsiderar que é no viés cultural e histórico que as identidades sociais se definem, justamente porque as mesmas nos constituem como seres humanos históricos e sociais numa sociedade em constante transformação. Por essa razão faz-se necessário considerar a sexualidade como um elemento básico da individualidade que determina no indivíduo um modo particular e

individual de ser, de manifestar-se, de comunicar-se, de sentir-se e de expressar-se. Todos esses aspectos estão relacionados a construção da identidade.

Como bem afirma Louro,

Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e depois, nos parecem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero, como todas as identidades sociais têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teorias culturais. (Louro, 2000, p. 12).

Dessa forma, o conceito de identidade tem uma relação direta com a noção de pessoa, ou seja, nessa noção estão revestidos direitos, religiões, costumes, papéis sociais. Complementando, Lopes (2002, p.127) esclarece que o conceito de identidade [...] pode se descrito genericamente como a "consciência da continuidade" que os sujeitos tenham a respeito dessas formas que os revestem".

Ratificamos o caráter fragmentado da identidade diante das narrativas culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que vão interferir, decisivamente, nas mudanças de nossas identidades pessoais e desequilibram, desse modo, a noção que incorporamos de nós mesmos, como sujeitos integrados.

Sobre isso, Carvalho (2004) adverte: "[...] não podemos isolar os traços biológicos, psicológicos, sociais, etc, que caracterizam e identificam um indivíduo, sem levar em consideração sua representação, que é uma espécie de duplicação mental ou simbólica, que expressa a identidade do indivíduo".

A identidade é constituída no interior do ventre materno, uma vez que interagimos com o ambiente histórico-social num movimento dialético que se demonstra em períodos de "crise de identidade". Tais períodos, segundo Bock, Furtado e Teixeira (1999, p. 207), são "[...] períodos importantíssimos da vida de uma pessoa em que ela procura, com maior ou menor grau de consciência dessa crise, redefinir ou ratificar seu modo de ser e estar no mundo, sua identidade: para si e para os outros". Nessa discussão, Carvalho (2004) acrescenta que:

[...] o indivíduo se relaciona e se identifica com os outros sob circunstâncias carregadas de emoção, ele se libera de uma manifestação puramente corpórea e passa a ter como referência para a formação da sua identidade os papéis sociais que são interpretados pelos outros e que para ele são significativos (CARVALHO, 2004, p. 48).

Por conseguinte, é neste emaranhado de reflexões sobre as crises que alteram as identidades do indivíduo que se infiltram as mais diversas identidades no seu eu e que retomam ao mundo através de sua subjetividade incorporando outras identidades, como por exemplo, a identidade da sexualidade.

Segundo Louro (2000), nos últimos tempos as reflexões no campo de estudo da identidade social têm atraído tanto a mídia como o mundo acadêmico. Segundo esta autora a preocupação com a compreensão de quem somos no mundo social, pode ter como uma das justificativas as rápidas mudanças que enfrentamos nos últimos milênios. Ressalte-se o acesso que temos aos meios eletrônicos de comunicação que permite uma exposição imediata dos múltiplos discursos sobre quem somos.

Nesse sentido, Lopes (2002) declara que a mídia eletrônica, reportando-se à globalização, ao mesmo tempo em que aproxima o mundo, colabora para que percebamos as diferenças, as desigualdades e contradições sociais, sob as quais vivemos. Desprende, daí, as várias percepções de concepção da identidade social que nos têm levado a entender como heterogêneos e, ao mesmo tempo, fragmentados e construídos em práticas discursivas situadas na história, na cultura e a sociedade. Por essa razão, de acordo com Lopes (2002), devemos entender que as identidades sociais envolvem classe, gênero, raça, nacionalidade, idade, sexualidade, etc; que amalgamo ao mesmo tempo na mesma pessoa.

Carvalho (2004), baseada nos postulados da psicologia sócio-histórica que compreende o psiquismo humano como uma construção social, histórica e cultural e a identidade como categoria constitutiva desse psiquismo, conclui que seus conteúdos sociais devem ser vistos como algo em processo, em movimento.

Nesse sentido, a identidade como categoria constitutiva do psiquismo humano resulta de um processo de auto-reconhecimento carregada de elementos subjetivos. Contudo, considerando a sexualidade como um conjunto da pessoa

mesma e com as outras, fica claro a importância do seu papel na formação da identidade.

## **2 A DIMENSÃO SOCIAL DA SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE**

A sexualidade como um conjunto de ações e relações da mesma pessoa e com as outras, fica clara a importância da mesma na formação da identidade. Segundo Nunes (1987, p.16), "[...] a sexualidade de maneira privilegiada, é este terreno híbrido entre o pessoal e o social, encruzilhada confusa onde se articulam o ser e o existir individual e o coletivo de cada um de nós".

Portanto, com uma marca humana a sexualidade é vivenciada a partir dos desejos e escolhas afetivas, psicossociais e históricas. Assim, torna-se imprescindível reconhecê-la pois, como uma "força social" que no processo de socialização em que normas e regras são internalizadas. Assim, na abordagem reflexiva da função social. Bozon (2004) é categórico em afirmar que a sexualidade humana não é um dado da natureza; ela é construída socialmente no contexto cultural em que está inscrita.

Assim pode-se inferir que a sexualidade não tem relação com determinismo animal, ou seja, ela não é restrita ao mundo natural. Sobre isso, Nunes (1987) esclarece que a sexualidade humana "[...] contém a intencionalidade, no sentido da consciência e da experiência de sentido. É, portanto, dimensão existencial, original e criativa em sua expressão e vivência. E essa dimensão é dinâmica, dialética processual".

Isso implica que a sexualidade transcende à consideração meramente biológica instintiva. Portanto ela carrega, portanto, a intencionalidade e a escolha, que a tornam uma dimensão humana, dialógica, cultural e está presente desde o surgimento ou organização da cultura humana, esta condição é intrínseca à sexualidade. Esta que será entendida como uma das dimensões do ser humano, considerando os seus diversos níveis e aspectos.

Para Castro, Abramovay e Silva (2004), pesquisadoras<sup>1</sup> da UNESCO -

---

<sup>1</sup> Essas autoras realizaram uma pesquisa cujos resultados compõem a publicação *Juventudes e Sexualidades*, que demarca o complexo universo das sexualidades de nossas juventudes.

Brasil, o conceito de sexualidade tem uma plasticidade porque depende do olhar informado, do autor, da área de conhecimento, dos atores em suas vivências. Isso nos leva a entender, em conformidade com essas autoras, que a sexualidade

[...] é experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos. Além do consenso de que os componentes socioculturais são críticos para a conceituação da sexualidade humana, existe uma clara tendência, em abordagens teóricas, de que a sexualidade se refere não somente às capacidades reprodutivas do ser humano, como também ao prazer. Assim, é a própria vida. envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações efetivas, nossa cultura. (CASTRO, ABRAMOVAY, SILVA, 2004 p.29)

O que remete ao entendimento que como seres sexuados somos também sexualizados, isto é, envolvidos com a dinâmica e com as características de nossa sexualidade. Portanto, pertencemos a uma estrutura social extremamente dicotômica, onde a identidade e o reconhecimento de si mesmo perpassam pela identidade sexual. Por essa razão, “[...] a primeira de nossas identidades existenciais foi exatamente aquela que de nossos pais disseram: “é menino”, ou ainda, “é menina” (NUNES; SILVA, 2000, p. 73a)

Esses autores colocam que outro aspecto considerado "paradoxal" nessa "análise é que: “[...] a nossa primeira identidade, proclamada e esperada, tenha sido aquela vinculada à sexualidade, ainda constituída ao redor da marca genital” (NUNES; SILVA, 2000, p. 73b)

Além disso, a sexualidade como componente do psiquismo humano e, conseqüentemente, como elemento constituinte da identidade do indivíduo, não pode ser considerada simplesmente como um traço biológico.

Por conseguinte, isto nos faz compreender que as possibilidades, impossibilidades, os modos e alternativas da identidade humana decorrem de todos os aspectos do contexto histórico e social em que o homem está inserido. Na opinião de Souza Pinto (1994, p.44) com base em outro autor<sup>2</sup>:

[...] é útil adotar uma perspectiva holística que resulta em ver na sexualidade um dos elementos que compõem a identidade pessoal. Em lugar de isolá-la

---

<sup>2</sup> No trabalho A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. Heloísa Dantas de Souza Pinto busca subsídios teóricos na perspectiva Walloniana.

do conjunto da pessoa, fazer o movimento inverso: recolocar uma dimensão, que tem sido tratada de forma às vezes tão especializada, dentro do quadro da pessoa integrada, assim como propõe Wallon [...]

Assim sendo, para esta autora a sexualidade do ponto da psicologia do desenvolvimento assume de maneira integral o “eixo fundamental da pessoa”. Desta forma, a realização plena para a sexualidade humana requer uma relação recíproca entre o individual e o cultural, que não se limita apenas a um conjunto de atos e reflexos herdados ou adquiridos na convivência sexual, mas também inclui crenças, valores e emoções.

## **CONCLUSÃO**

A sexualidade como um componente da identidade humana representa uma forma de satisfazer as exigências psicológicas do indivíduo a partir de suas vivências que tem a ver com desejo e a busca do prazer inerente a todo ser humano. Desta forma, discutir sobre a sexualidade é tratar de sentimentos, emoções e afetos fundamentais para o desenvolvimento da vida psíquica do ser humano. Na verdade, a sexualidade humana reveste-se de alta subjetividade constituindo-se portanto, como possibilidade e caminho para uma construção de nossa identidade.

Neste estudo, conclui-se que quanto mais ampliarmos as discussões em torno da sexualidade, com a finalidade de proporcionar maior envolvimento e fortalecer o conhecimento sob esta temática. Assim, nosso olhar certamente será renovado e maior será a nossa capacidade de considerá-la como uma construção sócio-histórica. Isso significa situar o escopo da sexualidade da sua multidimensionalidade biológica, social, política e, associá-la à vida, à saúde, ao bem-estar e ao prazer.

## **REFERÊNCIAS**

ABRAMOVAY, M. **Juventudes e sexualidade** / Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

AQUINO, Julio Groppa (org.). Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. In: PINTO, H. D de S. **A individualidade impedida: Adolescência e sexualidade no espaço escolar**. São Paulo: Sammus, 1997.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de I. T. Identidade. In: **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro (RJ): Editora FGV, 2004.

CARVALHO, J. M. de S.; ADORNO, S. M. R. Orientação sexual: uma proposta viável no contexto escolar. In: **Caderno de Rsumo do XVII EPENN: Educação, ciência e desenvolvimento social**. Belém (PA), 2005.

CARVALHO, M. V. C. de. **História de ser e fazer-se educador: desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias**. São Paulo: PUC - SP (Tese de Doutorado), 2004.

CIAMPA, A. da C. Identidade. In: LANE, S.T.M.; CODA, W. (Org.) **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

JACQUES, Maria das Graças. Identidade. In: STREY, M. N. et alli. **Psicologia social contemporânea: livro texto**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.

LOPES, L. P. da M. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas (SP): Mercado das letras, 2002.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2000.

NUNES, C.; SILVA, E. **Educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**.

Campinas (SP): Autores Associados, 2000.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. 5.ed. São Paulo (SP): Papirus, 1987.